

O "Caso Marco Feliciano" como paradigma para os estudos em mídia, religião e política no Brasil¹

Magali do Nascimento CUNHA²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Entender o fenômeno que configurou o caso que destacou o deputado evangélico Marco Feliciano na cena política a partir de 2013 como um paradigma para os estudos em mídia, religião e política é o objetivo deste trabalho. Para isso foram tomados por base três elementos que emergem do estudo desse caso: a reconfiguração do lugar dos evangélicos na política; a emergência do neoconservadorismo evangélico; as transformações na relação mídia-religião. O processo interpretativo está ancorado nos estudos em mídia, religião e cultura, desenvolvidos pela autora do trabalho, e nos aportes de teóricos em comunicação e política e em sociologia da religião. Matérias noticiosas e analíticas de jornais e revistas foram utilizadas como referências para o estudo do caso e seus desdobramentos, tanto como fonte de dados quanto como corpus de discursos das personagens envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; religião; política; evangélicos; comunicação.

Introdução

Desde março de 2013 um episódio sem precedentes no Congresso Nacional colocou em maior evidência a efervescente relação mídia-religião-política: a indicação, pelo Partido Socialista Cristão (PSC), do membro de sua bancada na Câmara dos Deputados, o pastor evangélico Marco Feliciano (SP) para presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal (CDHM). A indicação gerou reações de grupos pela causa dos Direitos Humanos, que alegaram ser o deputado conhecido por veicular em mídias religiosas declarações discriminatórias de pessoas negras e homossexuais. O partido alegou estar seguindo protocolo que lhe dava o direito de indicar a presidência daquela comissão, como parte dos trâmites dos processos democráticos do Parlamento. Este argumento também foi fonte de reflexões críticas, já que a significativa ação política de defesa dos Direitos Humanos era, então, colocada pelos grandes partidos como "moeda de troca barata"³. Soma-se o fato de que tanto o partido quanto o seu deputado não tinham histórico de envolvimento com a causa dos Direitos Humanos que os qualificasse para o posto.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, email: magali.cunha@metodista.br.

³ RIBEIRO, Renato Janine. Os direitos humanos em mãos impróprias. *Observatório da Imprensa*, n. 740, 2 abr 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed740_os_direitos_humanos_em_maos_improprias. Acesso em 5 jul 2015.

O que chamou a atenção no caso foi a "bola de neve" que ele provocou com as reações ao nome do deputado, por meio de protestos públicos da parte de diversos segmentos da sociedade civil. Foi criada de uma frente parlamentar de oposição à eleição de Feliciano, e o consequente estabelecimento de uma "guerra" entre evangélicos e ativistas do movimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT), e entre evangélicos e não-cristãos. Esta "bola de neve", que alcançou grandes formas nas eleições de 2014, a ponto de o PSC ter lançado candidato próprio à Presidência da República, é produto de fatores que se apresentam para além da CDHM, e a expõem como um elemento a mais no complexo quadro da relação entre religião e sociedade, com as mídias na mediação do processo.

Entender este fenômeno como um paradigma para os estudos em mídia, religião e política é o objetivo deste trabalho. Para isso foram tomados por base três elementos que emergem do estudo desse caso: a reconfiguração do lugar dos evangélicos na política; a emergência do neoconservadorismo evangélico; as transformações na relação mídia-religião. O processo interpretativo está ancorado nos estudos em mídia, religião e cultura, pela autora do trabalho e nos aportes de teóricos em comunicação e política e em sociologia da religião. Matérias noticiosas e analíticas de jornais e revistas foram utilizadas como referências para o estudo do caso e seus desdobramentos, tanto como fonte de dados quanto como corpus de discursos das personagens envolvidas.

A noção de paradigma, que embasa a pesquisa, é tomada da filosofia de Thomas Kuhn, em sua proeminente obra "A Estrutura das Revoluções Científicas" (1998). O termo vem do grego e tem o sentido de "arquetipo", "modelo". Kuhn usa esta noção, resignificando-a, ao analisar o processo de formação e de transformação das teorias nas ciências, o que denomina "revolução científica". O pensador considera que "alguns exemplos aceitos na prática científica real - exemplos que incluem, ao mesmo tempo, lei, teoria, aplicação e instrumentação - proporcionam modelos dos quais surgem as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica" (1998, p. 30).

A reflexão de Thomas Kuhn torna possível, portanto, a compreensão de que as concepções científicas não são dogmáticas, estáticas e imutáveis, mas são passíveis de transformações. Estas são advindas da renovação e da assimilação de crenças, valores, usos e técnicas de um paradigma anterior. Isto significa que o paradigma antigo se transformar a si mesmo e continua válido. No entanto, esse mesmo paradigma pode se fortalecer por conta de

resistência à mudança, num choque de paradigmas, e acaba superado pelo paradigma emergente, o que gera uma “revolução científica” (CUNHA, 1996).

Nesse sentido, em busca de seu objetivo, este trabalho investiga como as mudanças e as tensões na relação religião e política e sua vinculação às mídias impulsionam novas perspectivas e abordagens nos estudos em comunicação que enfatizam esta interface.

1. A reconfiguração do lugar dos evangélicos na política

Por “evangélicos” este estudo refere-se a todos os cristãos não-católicos ou ortodoxos que compõem o campo religioso brasileiro. Independente das peculiaridades dos distintos grupos que formam o segmento, os evangélicos são historicamente reconhecidos no Brasil: (1) por uma predominante leitura fundamentalista (literalista) do texto sagrado cristão, a Bíblia; (2) por uma ênfase na piedade pessoal na busca da salvação da alma (influência do puritanismo e do pietismo dos pioneiros missionários que vieram do sul dos EUA do século XIX ao Brasil); (3) pelas posturas de negação das manifestações culturais do País (fruto da mesma ação de missionários), também anticatólicas e antiecumênicas (próprias de minorias que buscam se afirmar) e de isolamento das demandas sociais (resultante da espiritualização das questões da existência individual e social), entre elas a participação política (CUNHA, 2007). Transformações na cultura evangélica, na passagem do século XX para o XXI, têm provocado alterações deste quadro, mas essa configuração identitária, conservadora e fundamentalista⁴, deixou suas marcas na dinâmica que dá forma a esse segmento religioso.

Uma dessas transformações pode ser identificada no sepultamento da máxima “crente não se mete em política”, construída com essas bases identitárias históricas, no Congresso Constituinte de 1986, quando foi formada a primeira bancada evangélica. A partir dali o ideal passou a ser “irmão vota em irmão” (FREESTON, 2006). Depois de altos e baixos numéricos, decorrentes de casos de corrupção e fisiologismo, a bancada evangélica se consolidou como força, o que resultou na criação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) em 2003. Até 2010, esses parlamentares não eram identificados como conservadores do ponto de vista sociopolítico e econômico. Seus projetos raramente interferiam na ordem social: se revertiam em “praças da Bíblia”, criação de feriados para concorrer com os

⁴ Sobre o Fundamentalismo, suas origens e ênfases, ver RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “Por uma Teologia da Criação que supere os fundamentalismos”. In: RUBIO, A. G., AMADO, J. P. Fé cristã e pensamento evolucionista. Atualizações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 133-154. Sobre fundamentalismo e identidade e evangélica no Brasil ver, CUNHA, 2007.

católicos, benefícios para templos. O perfil dos partidos aos quais a maioria desses políticos está afiliada reflete isto bem como recorrentes casos de fisiologismo⁵.

Na legislatura iniciada em 2011, um forte conservadorismo moral passou a marcar a atuação da FPE, que trouxe para si o mandato da defesa da família e da moral cristã contra a plataforma dos movimentos feministas e de homossexuais, valendo-se de alianças até mesmo com parlamentares católicos, diálogo historicamente impensável no campo eclesiástico. Maior poder foi alcançado por este segmento religioso, para além de cadeiras no parlamento, com a concessão de um ministério do governo federal (o da Pesca, sendo ministro o senador Marcelo Crivela, PRB/RJ, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus) e a presidência de uma comissão importante na Câmara dos Deputados com o pastor Marco Feliciano, dando fôlego para novas investidas políticas.

1.1 Projetos de ampliação de poder

Os números do Censo 2010 são fonte para a demanda de legitimidade social entre os evangélicos e de conquista de mais espaço de influência. O levantamento do número de evangélicos no Parlamento (Câmara e Senado) desde 2002, período da legislatura em que a FPE foi criada, até 2010 mostrou que a cada eleição, houve um aumento em torno de 30% do total anterior⁶. O aumento projetado pela FPE de mais 30% em 2014 não se confirmou, tendo sido eleitos 72 deputados federais nessas eleições. Apenas dois a mais dos 70 da legislatura anterior. De qualquer forma, a Bancada Evangélica continua sendo significativo grupo na Câmara Federal: é a terceira em número, atrás das Bancadas dos Empresários e dos Ruralistas. Estes parlamentares estão ligados a 17 igrejas diferentes, 13 delas pentecostais, o que mostra a força desta maior fatia dos evangélicos (CUNHA, 2014b).

Com isto, vislumbra-se um projeto político que visa muito mais do que cadeiras no Congresso, mas também presidências de comissões, ministérios relevantes (para além de pastas tímidas como o da Pesca e no atual mandato governamental, o do Esporte, com o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, do PRB, à frente - George Hilton) e força partidária. Não há um partido próprio dos evangélicos, mas pelo menos três agremiações

⁵ Sobre isto ver CUNHA, Magali do Nascimento. Rebanho não tão unânime. **O Estado de São Paulo** (Caderno Aliás), 26 jul 2012. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,rebanho-nao-tao-unanime,907493,0.htm>. Acesso em 5 jul 2015.

⁶ Sobre isto ver COUTINHO, Mateus. Evangélicos projetam aumento de 30% da bancada na eleição do ano que vem. **O Estado de São Paulo, São Paulo**, 26 dez 2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,evangelicos-projetam-aumento-de-30-da-bancada-na-eleicao-do-ano-que-vem,1112414,0.htm>. Acesso em 5 jul 2015.

têm forte presença do segmento: o Partido Republicano Brasileiro (PRB), o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido da República e Ordem Social (PROS), esse último o mais "jovem" e identificado como "nascido evangélico", já que o fundador-presidente, o ex-vereador de Planaltina (GO) Eurípedes Junior, se apresentou como evangélico, com mãe pastora (não há registros do nome da igreja nos materiais que informam sobre o PROS).

O PRB, fundado em 2003 por partidários do ex-presidente da República José de Alencar, é conhecido como "o braço político" da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Em sua primeira eleição majoritária, em 2006, o PRB elegeu apenas um deputado federal - o pastor da IURD Léo Vivas (RJ) -, tendo reeleito Alencar na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). No pleito de 2010, o número de deputados federais do partido saltou para nove, e em 2014, elegeu 21, tornando-se a maior representação na bancada evangélica, com 14 deputados. No Senado, o representante do PRB é o bispo da IURD Marcelo Crivella (RJ).

Fundado em 2011, com 37 deputados federais e um senador, o PSD, cujo presidente é o ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, alcançou 45 membros da Câmara em 2014 (quatro da bancada evangélica) e mais dois senadores. As lideranças do partido, estimuladas por Arolde Oliveira (RJ), eleito em 2014, mas licenciado para assumir secretaria no Estado do Rio, estão buscando cada vez mais aproximação com evangélicos não relacionados à IURD, reforçando no espaço político as disputas do campo religioso⁷.

O único partido que leva um nome religioso, o Partido Social Cristão (PSC), tinha pouca expressão até o "caso Marco Feliciano". Marcado pela identidade de partido de aluguel (por ter escasso número de filiados e/ou parlamentares e ser a abrigo de candidaturas de políticos dispostos a pagar um preço pela sua inscrição), a igreja pentecostal Assembleia de Deus (AD), passou a ocupar o PSC a partir da eleição do Presidente Lula, em 2002. O objetivo era competir com o poder que a IURD adquiria no apoio ao governo, o que gerou um novo fôlego à legenda. A AD "alocou [no partido] parte de seus parlamentares e fez crescer a importância desta sigla para eventuais composições futuras, que a coloquem como parceira no poder, tanto em alianças regionais como nacional" (BAPTISTA, 2007, p. 303). A projeção alcançada por Marco Feliciano, a partir de sua indicação à Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, deu força política ao PSC, que, com o apoio da FPE e de lideranças evangélicas midiáticas, desvinculou-se da base do governo que trabalhava pela

⁷ Sobre isto ver: LEAL, Luciana Nunes. No Rio, PSD vira 'feudo' de evangélicos. **O Estado de São Paulo**, 22 fev 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,no-rio-psd-vira-feudo-de-evangelicos,838912,0.htm>. Acesso em 5 jul 2015.

reeleição de Dilma Rousseff à Presidência da República. O partido lançou candidato próprio: o seu vice-presidente Pastor Everaldo, da AD. O PSC tem um senador e oito deputados federais evangélicos (dos 13 eleitos), entre eles o pastor da Catedral do Avivamento, ligada à AD, Marco Feliciano, vencedor do pleito em 2014 com quase 400 mil votos, o terceiro entre os 70 deputados eleitos pelo estado de São Paulo. Isso mostra a força dos assembleianos na ocupação do PSC.

Toda esta conjuntura de fortalecimento do poder político dos evangélicos, particularmente, dos pentecostais, e da AD, levou a denominação a decidir pela criação de um partido, o Partido Republicano Cristão (PRC). O projeto foi aprovado pela Convenção Geral da Igreja e mais de 40 mil pastores foram mobilizados para recolher assinaturas dos fiéis para a formação do partido, em aproximadamente 100 mil locais de culto em todo o país. A intenção é registrar o partido para concorrer nas eleições municipais de 2016.⁸

Personagem que deve ser mencionada neste processo é a ex-senadora Marina Silva. Membro da AD, foi candidata à Presidência da República em 2010 com expressiva votação, pelo Partido Verde (PV). Desvinculada do PV, tentou criar o próprio partido, a Rede Sustentabilidade, mas não alcançou o número mínimo de assinaturas. Tornou-se candidata a vice-presidente da República na chapa de Eduardo Campos, do PSB (Partido Socialista Brasileiro), em 2014. A fatalidade da morte de Eduardo Campos em acidente aéreo, em plena campanha política, alçou Marina Silva como candidata à Presidente pelo PSB. Em boa posição nas pesquisas de voto, chegou a representar ameaça à nova polarização PT x PSDB, no entanto, diversos fatores determinaram a retirada de apoio de eleitores à Marina Silva. Entre eles, controvérsias em torno do fato de ser evangélica e de ter cedido a pressões de religiosos contrários à inserção da temática dos direitos LGBT no seu plano de governo. Novamente ocupando o terceiro lugar no pleito para Presidente, com votação inferior à alcançada em 2010, Marina Silva ainda é figura destacada na relação religião-política e busca novas assinaturas para consolidar o seu próprio partido (CUNHA, 2014b).

A mais significativa conquista de poder político dos evangélicos nos primeiros meses da atual legislatura foi a ascensão do deputado Eduardo Cunha (PMDB/RJ), eleito Presidente da Casa. Membro da Assembleia de Deus, Cunha tem usado o seu poder para facilitar a liderança e a atuação de deputados evangélicos em comissões especiais, criadas por ele, e

⁸ Fontes: **Site do Partido Republicano Cristão**. Disponível em <http://www.prc.org.br/>, acesso em 30 mai 2015; **Facebook/Partido Republicano Cristão**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/PRC-Partido-Republicano-Crist%C3%A3o/1453322154927975?fref=ts>. Acesso em 30 mai 2015.

para acelerar a tramitação de projetos de lei e de emendas constitucionais, elaboradas por congressistas do grupo. Entre elas está a Comissão Especial do Estatuto da Família que se revela com o objetivo de barrar os avanços nos direitos da população LGBT.⁹

2. Os ecos do neoconservadorismo evangélico

A configuração identitária dos evangélicos tem fortes traços conservadores, como registrado acima. Desta forma, faz parte do contexto evangélico um pastor pentecostal, no caso Marco Feliciano, reproduzir em seus sermões considerados modernos e de forte apelo emocional¹⁰ e também em espaços midiáticos, abordagens teológicas antigas. Entre elas a que embasa a ideologia racista, por meio da leitura fundamentalista de textos do primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, que contêm a narrativa da descendência de Noé¹¹.

Também faz parte do contexto que o pastor Feliciano conduza sua reflexão teológica por meio de bases que justifiquem a existência de um Deus Guerreiro e Belicoso, que tem ao seu redor anjos vingadores, que exterminam John Lenon ou os Mamonas Assassinas, continuando o que já fazia com os povos africanos herdeiros do filho de Noé, e que, nesta linha, fará também aos que assumem e apregoam o homossexualismo. Ainda é contextualmente coerente que o líder religioso reaja a quem lhe faz oposição ou tenha posição diferente da sua classificando-o como agente do diabo, no caso, a própria formação anterior da CDHM e celebridades como o cantor Caetano Veloso¹².

Portanto, não há elemento novo nas posturas de Marco Feliciano. O que é novo, e chama a atenção neste processo, é o lugar que o deputado e seus aliados passam a ocupar no quadro do neoconservadorismo predominante no cenário evangélico contemporâneo¹³.

⁹ Sobre Eduardo Cunha e seu poder, ver os relevantes artigos: PHILLIPS, Dom. Does Brazil's new speaker of the lower house want the government to fall? **The Washington Post**, 29 mai 2014. Disponível em https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/brazilian-oppositon-leader-eduardo-cunha-has-his-sights-on-the-presidency/2015/05/28/37efa0c6-03d7-11e5-93f4-f24d4af7f97d_story.html. Acesso em 5 jul 2015. COM tática de guerra relâmpago, bancada conservadora ganha posições. **El País**, 5 jul 2015. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/03/politica/1435956374_637179.html. Acesso em 5 jul 2015.

¹⁰ Cf. DIAS, Emerson Vicente. **“Coersedução”**: carisma e poder de um discurso religioso- Pastor Marco Feliciano: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo, 2007.

¹¹ Marco Feliciano postou no Twitter (30 mar 2011) afirmações como: "A maldição que Noé lança sobre seu neto, canaã, respinga sobre continente africano, daí a fome, pestes, doenças, guerras étnicas!". Sobre esta compreensão ver: PINAR, William F. O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. 35-44.

¹² Estas afirmações podem ser encontradas em vídeos postados no Youtube com pregações religiosas do pastor Marco Feliciano e registradas em matérias noticiosas como: EM novo vídeo, Marco Feliciano diz que Caetano é 'do diabo'. **Veja**, 10 abr 2013. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/em-mais-um-video-na-internet-marco-feliciano-diz-que-caetano-veloso-e-do-diabo>. Acesso em 13 fev 2014.

¹³ O termo conservadorismo é usado aqui no sentido da ciência política, referente a posições que visam à "manutenção do sistema política existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras" (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, p. 242). Houve transformações nestas bases ao longo do século XX:

Nos anos 2000 observa-se uma nova face do conservadorismo religioso, um neoconservadorismo, que emerge como reação a transformações socioculturais que o Brasil tem experimentado, em especial a partir dos anos 2002, com a abertura e a potencialização de políticas voltadas para direitos humanos e gênero. O prefixo "neo" se deve à visibilidade mais intensa de lideranças evangélicas que se apresentam como pertencentes aos novos tempos, em que a religião tem como aliados o mercado, as mídias e as tecnologias, mas que se revelam defensoras de posturas de um conservadorismo explícito. Lideranças midiáticas, além das políticas, se fortalecem na esfera pública, como o pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo Silas Malafaia, cantores gospel e novas celebridades religiosas. Além da visibilidade midiática que as transforma em autoridades/referências religiosas que ultrapassam os arraiais evangélicos, essas pessoas têm em comum discursos de rigidez moral e de conquista de poder na esfera pública (CUNHA, 2014a).

O neoconservadorismo evangélico parece estar dentro de um contexto de fortalecimento de posturas conservadoras na esfera pública brasileira. Um desdobramento dos dados de pesquisa eleitoral realizada pelo Datafolha em outubro de 2013 revelou que a maior parte dos brasileiros se identifica com valores de direita. A separação foi feita com base nas respostas dos entrevistados a perguntas sobre questões sociais, culturais e políticas, como a pena de morte e o papel dos sindicatos na sociedade. Dos entrevistados, 38% foram classificados como de centro-direita, 26% de centro-esquerda, 22% de centro, 11% de direita e 4% de esquerda (MENDONÇA, 2013).

Foi nesse contexto que o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), suplente da CDHM, em 2013, afirmou: "Como capitão do Exército, sou um soldado do Feliciano", e acrescentou:

A agenda antes era outra, de uma minoria que não tinha nada a ver. Hoje, representamos as verdadeiras minorias. Acredito no Feliciano, de coração. Até parece que ele é meu irmão de muito tempo. Não sinto mais aquele cheiro esquisito que tinha aqui dentro e aquele peso nas costas.¹⁴

Bolsonaro tem um histórico de posicionamentos racistas e de conflito com ativistas sociais e militantes de movimentos gays. Em novembro de 2011, ele chegou a pedir à presidente Dilma Rousseff, da tribuna da Câmara, para que ela assumisse se gostava de homossexuais. Em março do mesmo ano, respondeu que "não discutiria promiscuidade" ao

emergiram grupos abertos à atuação social, ao ecumenismo. No entanto, o conservadorismo sempre foi predominante entre os evangélicos. Foi ele que provocou a omissão das igrejas frente à implantação da ditadura militar no Brasil (1964-1985) e também tornou possível o alinhamento de boa parte das lideranças evangélicas com o governo de exceção (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório:** textos temáticos. Vol. 2. Brasília: CNV, 2014).

¹⁴ COSTA, Fabiano, PASSARINHO, Nathalia. 'Sou um soldado do Feliciano', afirma deputado Jair Bolsonaro. **G1**, 27 mar 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/sou-um-soldado-do-feliciano-afirma-deputado-jair-bolsonaro.html>. Acesso em 5 jul 2015.

ser questionado em um programa de TV pela cantora Preta Gil sobre como reagiria caso o filho namorasse uma mulher negra.¹⁵

No campo das igrejas, o pastor presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo Silas Malafaia, tornou-se conhecido por polêmicas midiáticas contra os direitos homossexuais e o aborto, desde a campanha presidencial de 2010 (CUNHA, 2014a).

Com discursos dentro do ideário da moral cristã (contra o aborto e o controle da natalidade e a favor da assistência psicológica a homossexuais) e de princípios caros ao liberalismo na política e na economia (Estado mínimo e elogios ao livre mercado), essas personagens têm captado apoios para além do círculo religioso com o mote “é preciso salvar a família”. Na visão destas lideranças a família está sob a ameaça dos movimentos civis por direitos sexuais e enfrentamento da violência sexual, reforçados pelas ações do governo federal, desde que o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu em 2002 com abertura de mais espaços para legislação que responda a essas demandas. Alguns apelos ainda tomam como ingrediente uma possível ameaça de o comunismo tomar conta do Brasil. Segundo esses discursos, este seria o verdadeiro propósito do governo do PT em nível nacional¹⁶.

Todo este processo tem a mediação das mídias no Brasil, que historicamente têm um alinhamento com valores e políticas conservadoras, dado o perfil dos seus proprietários, e que, pelo menos na última década, em especial na cobertura noticiosa, tem dado amplo espaço para analistas e comentaristas defenderem abertamente essas perspectivas, como é o exemplo de Arnaldo Jabour, Alexandre Garcia e Merval Pereira, nas Organizações Globo; Reinaldo Azevedo, na revista *Veja*; José Luiz Datena e Boris Casoy, no Grupo Bandeirantes; Marcelo Rezende, na Rede Record; Luiz Pondé, a TV Cultura; e mais recentemente, Rachel Sheherazade, no SBT (COUTO, 2013). Soma-se neste quadro elemento significativo: a identificação de não poucos casos de racismo em estádios de futebol e em inúmeras postagens em mídias digitais.

No entanto, o Brasil não é um caso isolado, de acordo com estudos que indicam o fortalecimento de grupos conservadores nos Estados Unidos e na Europa. Michael Löwy afirma sobre o caso europeu:

¹⁵ Sobre o caso ver a matéria CASTRO, Juliana. Preta Gil vai processar Jair Bolsonaro por declarações em programa de TV. *O Globo*, 29 mar 2011. Disponível em <http://oglobo.globo.com/politica/preta-gil-vai-processar-jair-bolsonaro-por-declaracoes-em-programa-de-tv-2803805#ixzz2tU4qowTO>. Acesso em 5 jul 2015.

¹⁶ Sobre isto ver CASADO, José. A direita avança. *O Globo*, 8 jul 2104. Disponível em <http://oglobo.globo.com/opiniao/a-direita-avanca-13171346#ixzz376hEcRGH>. Acesso em 5 jul 2015.

As eleições europeias confirmaram uma tendência observada já há alguns anos na maior parte dos países do continente: o crescimento espetacular da extrema direita. (...) Essa extrema direita é muito diversa, podendo-se observar uma vasta gama que vai desde os partidos abertamente neonazistas - como o Aurora Dourada grego - até as forças burguesas perfeitamente integradas no jogo político institucional, como a suíça UDC (União Democrática de Centro). O que eles têm em comum é o nacionalismo excessivo, a xenofobia, o racismo, o ódio contra imigrantes - principalmente "extraeuropeus"- e contra ciganos (o mais velho povo do continente), a islamofobia e o anticomunismo. A isso pode-se acrescentar, em muitos casos, o antissemitismo, a homofobia, a misoginia, o autoritarismo, o desprezo pela democracia e a eurofobia. Quanto a outras questões - por exemplo, ser a favor ou contra o neoliberalismo ou a laicidade - a corrente se mostra mais dividida. Seria um erro acreditar que o fascismo e o antifascismo são fenômenos do passado (LÖWY, Michael, 2014).

Constatar estes aspectos é refletir que apesar dos tantos slogans divulgados em manifestações presenciais e nas redes sociais - "Feliciano não me representa" -, Marco Feliciano, Jair Bolsonaro e tantos outros são reeleitos e ganham espaço e legitimidade. Portanto, há quem se sinta representado, o que indica peso das articulações ideológicas em curso na sociedade brasileira. O deputado Arolde de Oliveira, em entrevista sobre os evangélicos no PSD, declarou: "O PSD é reflexo da própria sociedade. Não é só o Estado do Rio, nós somos uma nação conservadora"¹⁷.

3. As transformações e as novas dimensões na relação mídia-religião

As igrejas em geral nunca descartaram uma interação com as mídias, pois estas tornavam possível publicidade e visibilidade de sua presença nos espaços sociais. No Brasil, a presença mais intensa das igrejas nas mídias remonta aos anos 50 do século passado com o rádio. A partir dos anos 90 há um amplo empreendimento da presença cristã na TV e nas diferentes mídias, e entre os evangélicos, mais precisamente os pentecostais, grupos marcadamente hegemônicos no segmento. A formação da bancada evangélica no Congresso Nacional em 1986 foi determinante para a conquista de concessões rádio e TV (CUNHA, 2007). Na última década, a expressiva representatividade dos evangélicos no país com o conseqüente declínio do catolicismo, e a ampliação de sua presença nas mídias e na política, torna este grupo religioso um segmento de mercado com produtos e serviços especialmente desenhados para atender às suas necessidades religiosas sejam de consumo de bens sejam de lazer e entretenimento.

¹⁷ LEAL, Luciana Nunes. "No Rio, PSD vira 'feudo' de evangélicos". *O Estado de São Paulo*, 22 fev 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,no-rio-psd-vira-feudo-de-evangelicos,838912,0.htm>. Acesso em 5 jul 2015.

Ao mesmo tempo, as grandes mídias (seculares) assimilam esta atmosfera e passam a produzir programas, ou parcelas deles, para disputar audiência cristã: espaço para a música cristã contemporânea (“gospel”) e seus artistas, patrocínio de festivais e megaeventos de rua, veiculação de programas de entretenimento com temática religiosa, inclusive com a criação de personagens para telenovelas (CUNHA, 2014c).

Foi neste contexto que o caso Marco Feliciano e seus desdobramentos ganharam destaque. Em 2013, o deputado foi entrevistado por todos os grandes veículos de imprensa e participou dos mais variados programas de entretenimento - de *talk-shows* a humorísticos e *game shows*. Foi tratado com simpatia em entrevista a *Veja*¹⁸, defendido pelo jornalista Alexandre Garcia¹⁹ e pela apresentadora do Jornal do SBT Rachel Sheherazade²⁰, com o argumento de "liberdade de opinião". Os veículos não desprezaram a dimensão dos escândalos relacionados ao caso, somada à atraente questão da homossexualidade que estimula emoções e paixões humanas e expõe a vida íntima de celebridades.

De fato, as reações de grupos de oposição a Feliciano com manifestações dentro e fora do Parlamento, até mesmo em igrejas frequentadas pelo pastor foram reduzidas pela cobertura das mídias a uma disputa entre o presidente da CDHM, a aliada Frente Parlamentar Evangélica e seus "soldados", e ativistas e simpatizantes dos movimentos LGBT, negros e feministas, encabeçados pelo deputado federal Jean Willys (PSOL-RJ), declarado militante homossexual. A mídia noticiosa declarou a "guerra" entre Feliciano e Willys, ou, entre evangélicos e os movimentos de minorias, com ênfase na dimensão da homossexualidade. Toda a potência do caso também foi inflada nas redes sociais digitais (CUNHA, 2013a).

Declarações de Marco Feliciano fartamente expostas nas mídias noticiosas alimentaram o imaginário evangélico da perseguição religiosa, e circularam amplamente pelas redes digitais. Os extratos a seguir de falas do deputado são ilustrativos:

Existe uma ditadura chamada [...] ‘gayzista’. Eles querem impor o seu estilo de vida e a sua condição sobre mim. E eles lutam contra a minha liberdade de pensamento e de expressão. Eles lutam pela liberdade sexual deles. Só que antes da liberdade sexual deles, que é secundária, tem que ser permitida a minha liberdade intelectual.

¹⁸ LINHARES, Juliana. "Eu acredito no diálogo". Entrevista Marco Feliciano. *Veja*, São Paulo, ano 46, ed. 2313, n. 12, 20 mar 2013. p. 17-21.

¹⁹ GARCIA, Alexandre. Comentário na Rádio MetrÓpole, 5 abr 2013. **Youtube**. Áudio (2'33). Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=vuCTZaUdGgo. Acesso em 5 jul 2015.

²⁰ SHEHERAZADE, Rachel. Comentário no Jornal do SBT, 20 mar 2013. **Youtube**. Vídeo (2'48). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ICzFac9jNIQ>. Acesso em 5 jul 2015.

A minha liberdade de expressão. Eu posso pensar. Se tirarem o meu poder de pensar, eu não vivo. Eu vegeto e morro.²¹

O amplo espaço dado para a Feliciano e seus aliados para a exposição de seus argumentos, até mesmo em *game shows* e programas de humor, exibidos com simpatia, evidenciou que estes personagens ganharam um tratamento afável das mídias. O pastor Silas Malafaia ganhou até mesmo status de porta-voz dos evangélicos brasileiros, tamanha a incidência de sua presença em espaços diversos em todas as grandes mídias (CUNHA, 2015).

Venício Lima (2009) chama a atenção para o papel mais importante que as mídias desempenham: o poder de longo prazo que elas têm na construção da realidade por meio da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana e, particularmente, dos políticos e da política. "É através da mídia - em sua centralidade - que a política é construída simbolicamente, adquire um significado" (LIMA, 2009, p. 21).

Portanto, retomando a constatação de que Feliciano, Malafaia e Bolsonaro representam uma parcela conservadora da sociedade brasileira, é possível reconhecer uma afinidade entre estes líderes e quem produz e emite conteúdos das mídias. Isto explicaria o apagamento da discussão da origem do caso (a indicação de Marco Feliciano), as afirmações racistas e homofóbicas do deputado e seu nítido distanciamento da defesa dos direitos humanos. Da mesma forma, esta noção elucidaria a indiferença às polêmicas em torno de Silas Malafaia entre os próprios evangélicos. É possível interpretar ainda esta "boa-vontade" com o fato de os evangélicos terem se tornado mais visíveis e serem um segmento de mercado a ser considerado e "agradado".

Antonio Rubim contribui com a interpretação desta dinâmica quando trata da midiática da política²². O pesquisador chama a atenção para o fato de muitos autores contemporâneos enfatizarem a ideia de que as mídias, mais especificamente a TV, tornaram-se espaço privilegiado na luta política do tempo presente tanto em tempo de eleições quanto no dia a dia. Por isso, a midiática da política representa de alguma forma "a absorção da lógica produtiva da mídia, imediatamente identificada com a lógica produtiva do espetacular, em detrimento de uma outra política. (...) A mídia então faz política" (RUBIM, 2002, p. 16).

²¹ RODRIGUES, Fernando. Entrevista de Marco Feliciano à Folha e ao UOL. **UOL/Poder e Política**, 1 abr. 2013. Transcrição. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/04/02/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-marco-feliciano-a-folha-e-ao-uol.htm>. Acesso em 5 jul 2015.

²² Aqui o conceito de midiática tomado por Rubim é relacionado àquele desenvolvido por José Luiz Braga, assumido neste trabalho: os novos processos interacionais (de sociabilidade) que "se realizam de modos bastante diversos, em sociedades específicas", e que se desenvolvem segundo as lógicas das mídias (BRAGA, 2006).

Entretanto, Rubim também considera que a política midiaticizada pode ser entendida como a política "que transita na contemporânea dimensão pública da sociabilidade, buscando adequar-se a este espaço e as linguagens próprias da mídia, sem com isto importar uma tal lógica produtiva que impeça a política de se realizar e buscar suas pretensões" (RUBIM, 2002). É preciso atentar, portanto, para a política nas mídias e a política das mídias.

Desta forma é possível afirmar que a relação entre religião e política no tempo presente no Brasil é marcada por um processo de midiaticização. Nesse caso, a lógica produtiva das mídias, baseada na espetacularização, é assumida pela religião e pela política em intercâmbio. Este intercâmbio dá-se também no terreno da ideologia, marcada pelo conservadorismo religioso e midiático, ocorrendo o que Max Weber nominou "afinidades eletivas" (2004). Para Weber, para a consolidação do capitalismo, foi fundamental o intercâmbio deste com a cultura religiosa protestante puritana de matriz calvinista. Isto foi possível pelo fato de o protestantismo possuir afinidades (simpatia, similaridades) eletivas (escolhas) com o capitalismo. O protestantismo ascético era marcado por forte tendência à racionalidade, ética baseada no trabalho um fim em si mesmo, e era condescendente com a usura nas relações comerciais - valores fortemente presentes no capitalismo.

Se o neoconservadorismo evangélico tem suas marcas na política com as reações aos avanços no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, o conservadorismo midiático se revela na forma como o noticiário despreza avanços nas relações políticas com os movimentos sociais e reage à concessão de direitos às classes desprivilegiadas, atuando pela manutenção do status quo (AZEVEDO, 2006). Isto corresponde ao fato de que o sistema de mídia no Brasil é controlado por grupos familiares vinculado às tradicionais oligarquias políticas regionais e locais.

Consolidou-se, portanto, entre nós um sistema de mídia concentrado, liderado pela televisão e, em boa parte, controlado por grupos familiares vinculados às oligarquias políticas regionais e locais. Essas características específicas é que fazem com que, no Brasil, o poder da mídia assuma, potencialmente, proporções ainda maiores do que em outros sistemas políticos (LIMA, 2009, p. 29).

Identificam-se, portanto, afinidades eletivas entre o jornalismo veiculado pelas grandes mídias e as lideranças evangélicas em destaque na política. Exemplo destacado é a ampla campanha pela redução da maioria penal assumida pelas mídias noticiosas e liderada pelo senador evangélico Magno Malta (PR/ES) com apoio do Presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (CUNHA, 2013b).

Este intercâmbio possibilitado pela midiática da religião e da política explica a "boa vontade" midiática com Marco Feliciano, Silas Malafaia e, em 2014, com o candidato à Presidência da República Pastor Everaldo, que ganhou destaque entre os entrevistados do Jornal Nacional, onde foi tratado como um dos principais candidatos²³.

Consideração final indicativa para pesquisas

Toda dinâmica acima descrita torna possível considerar o caso Marco Feliciano um paradigma para os estudos em mídia, religião e política. É um fenômeno que marca o momento recente da política brasileira em que os evangélicos se colocam na arena como um bloco organicamente articulado. Como o paradigma indica, não é mais possível estudar a relação mídia e religião, tanto na perspectiva das mídias religiosas quanto na das mídias seculares, sem se considerar a midiática da religião e da política.

Os desdobramentos do caso Marco Feliciano, com reflexos na relação entre mídia e religião, produziram novas celebridades religiosas e novos espaços de poder político para o segmento evangélico, incluindo alianças com outras forças conservadoras presentes no país. São movimentos da dinâmica sociopolítica e religiosa midiática que vão marcar novas tendências e devem ser investigados nos tempos por vir.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando Antonio. Democracia e mídia no Brasil: um balanço dos anos recentes. In: GOULART, Jefferson O. (org.). **Mídia e Democracia**. São Paulo: Anablume, 2006. p. 23-46.
- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **Cultura Política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais**: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- CASADO, José. A direita avança. **O Globo**, 8 jul 2014. Disponível em <http://oglobo.globo.com/opiniao/a-direita-avanca-13171346#ixzz376hEcRGH>. Acesso em 12 jul 2014.
- COUTO, Aluizio. Preferências ideológicas e jornalismo tribal. **Observatório da Imprensa**, n.753,2 jul 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed753_preferencias_ideologicas_e_jornalismo_tribal. Acesso em 9 fev 2014.

²³ Sobre isto ver PASTOR Everaldo é entrevistado no Jornal Nacional. **Zero Hora**, 19 ago 2015. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/pastor-everaldo-e-entrevistado-no-jornal-nacional-4578993.html>. Acesso em 5 jul 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. Quem tem moral entre os evangélicos? **Observatório da Imprensa**, n. 848, 28 abr 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/quem-tem-moral-entre-os-evangelicos/>. Acesso em 5 jul 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. Gênero, religião e cultura: um olhar sobre a investida neoconservadora dos evangélicos nas mídias no Brasil. In: SOUZA, Sandra Duarte, SANTOS, Naira Pinheiro. **Estudos feministas e religião: tendências e debates**. Curitiba: Prismas/Methodista, 2014a. p. 101-126.

CUNHA, Magali do Nascimento. Evangélicos e as eleições 2014: primeiro balanço pós-5 de outubro. **Instituto Humanitas Unisinos**, 15 out 2014b. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536286-evangelicos-e-as-eleicoes-2014-primeiro-balanco-pos-5-de-outubro>. Acesso em 5 jul 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. Audiência, mercado, política e poder: chaves teórico-interpretativas da intensa aproximação das Organizações Globo com o segmento evangélico no Brasil. In: **VII CONGRESSO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - PUC Goiás**. Anais... Goiânia: PUC Goiás, 2014c. GT 10, p. 3-17. Disponível em: http://www.pucgoias.edu.br/w4567ucg/eventos/Congresso_Ciencias_Religio/V_Congresso_Ciencias_Religio/ArquivosUpload/1/file/AnaisGT10.pdf. Acesso em: 5 jul 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 10, n. 29, set-dez 2013a, p. 51-74. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/607>. Acesso em 5 jul 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. Políticos evangélicos em campanha contra avanços no campo dos direitos humanos e sociais: desinformação, confusão e retórica do terror. **Mídia, Religião e Política**, 19 nov 2013b. Disponível em: <http://mediareligiaopolitica.blogspot.com.br/2013/11/politicos-evangelicos-em-campanha.html>. Acesso em 13 fev 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento. A teoria dos paradigmas: uma contribuição de Thomas Kuhn às ciências humanas. **Fragmentos de Cultura**, n. 20, out. 1996, p. 21-37.

FRESTON, Paul. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política**. Viçosa: Ultimato, 2006.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994

LIMA, Venício. Revisitando as sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, n. 51, p. 13-37, jan-jun 2009.

LÖWY, Michel. Dez teses sobre a ascensão da extrema direita europeia. **Folha de S. Paulo (Ilustríssima)**, 15 jun 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/171148-dez-teses-sobre-a-ascensao-da-extrema-direita-europeia.shtml>. Acesso em 12 jul 2014.

MENDONÇA, Ricardo. Ideologia interfere pouco na decisão de voto, diz Datafolha. **Folha de S. Paulo**, 14 out 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/133801-ideologia-interfere-pouco-na-decisao-de-voto-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 5 jul 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Espetáculo, Política e Mídia. In: **BIBLIOTECA On-Line de Ciências da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.pdf>. Acesso em 5 jul 2015.